

# O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2016 - ANO XIX - Nº 233

Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.

## EDITORIAL

Pelos jornais, televisão e internet, o mundo acompanha o esfacelamento da democracia brasileira, afundada em corrupção escandalosa escancarada nas investigações da Operação Lava Jato.

O país está passando por um terremoto. Depois do afastamento da Presidente da República, após abertura de processo de impeachment, a cada dia novas denúncias ganham as manchetes envolvendo pessoas cada vez mais importantes no cenário político, todas suspeitas de envolvimento em corrupção.

A governabilidade continua frágil. O governo tem que negociar. Acima de tudo, o descrédito continua a atingir a elite política envolvida na Lava Jato, investigação de um esquema de corrupção ligado, principalmente, à estatal Petrobras. O governo interino, em poucas semanas já demitiu três ministros após denúncias comprometedoras. O que se expõe é o apodrecimento do sistema político brasileiro. A corrupção não é inerente a esse ou àquele partido – o sistema inteiro está corrompido. As acusações contra políticos graúdos se acumulam. Mais de um terço dos parlamentares são alvo de processos ou de investigações judiciais. O cenário é desastroso e sombrio. Muda-se o governo, mas a prática, antiga, permanece. A sociedade brasileira, no entanto, mudou. Certos comportamentos não são mais aceitos. Novas denúncias vindas de grandes empreiteiras poderão implodir o país.

A corrupção é tema constante no dia a dia nacional. A perspectiva de melhoria é praticamente nula, pelo menos em curto prazo. Vivemos, sem dúvidas, uma das maiores ou, senão a maior crise moral e política de nossa história. É preciso que a sociedade se mobilize e busque apoiar a Operação Lava Jato. Esta se consolida por ser independente e apartidária. Tornou-se derradeiro bastião na luta contra a corrupção, que se mostra infiltrada nas entranhas da administração pública brasileira. Esta é a oportunidade de o Brasil ser passado a limpo.



Ciente de que preservar nossos bens culturais é garantir sua integridade e perenidade, a Prefeitura Municipal não vem medindo esforços e os vem recuperando com recursos próprios.

## Piquete: 125 anos de cidade

Piquete completou no dia 15 de junho mais um aniversário. São 125 anos de cidade. Ao longo desse tempo, foram várias as suas administrações – umas tiveram mais brilho, outras nem tanto. Todas, porém, buscaram, cada uma a seu jeito e dentro de suas possibilidades, trabalhar para o crescimento da cidade e atender as expectativas dos munícipes. Dessas diferentes administrações ficaram como registros arquitetônicos na paisagem urbana algumas construções que se tornaram simbólicas e merecedoras de cuidados como patrimônio histórico pela sua importância para os piquetenses.

Ao comemorarmos mais um aniversário de Piquete, a cidade ganhou da atual administração municipal a recuperação de um conjunto arquitetônico singular, único no Vale do Paraíba: o conjunto formado pelo Pórtico da FPV, a Praça Duque de Caxias, o Cine Estrela do Norte e o Grêmio Duque de Caxias. A administração cuidou, ainda, da antiga matriz de São Miguel e vem se empenhando pela restauração e adaptação do Hospital da FPV, também estes patrimônios arquitetônicos históricos de Piquete. Ciente de que preservar esses bens culturais é garantir sua integridade e perenidade, a Prefeitura não mediu esforços e os vem recuperando com recursos próprios.

Em mais um 15 de junho, cabe-nos uma reflexão a respeito do presente e do futuro: Que cidade queremos deixar para as futuras gerações? Nosso município é um dos mais desprovidos de recursos do estado de São Paulo. Seu orçamento é quase todo comprometido com a folha de pagamento do funcionalismo municipal, restando mui-

to pouco para ser investido em obras de grande vulto, como saneamento básico. Os repasses mais importantes são provenientes de parcelas do ICMS e do Fundo de Participação dos Municípios, que vêm ocorrendo em valores cada vez mais baixos e tendem a diminuir ainda mais com a crise econômica.

Apesar dos tempos difíceis, a atual administração é referência na região no que tange ao trato do bem público: está em dia com as contas municipais, bem como com a folha de pagamento de seus funcionários, enquanto a maioria das prefeituras do país encontra-se inadimplente.

Estamos em ano eleitoral. A próxima eleição municipal irá, seguramente, se revestir de peculiaridades e é possível afirmar, desde já, que propostas tradicionais e genéricas têm grande chance de não agradar os eleitores. Em outras palavras, não será mais suficiente o candidato simplesmente prometer mundos e fundos sem mostrar como cumprirá suas promessas.

Em tempos de Lava-Jato, em que a campanha contra corrupção está na pauta de todo brasileiro, os eleitores estarão atentos aos candidatos honestos, sem pendências judiciais e comprovadamente comprometidos com as causas públicas – a velha política já não encontra espaço entre os eleitores.

Piquete completa mais um aniversário de emancipação político-administrativa. A Fundação Christiano Rosa e O ESTAFETA desejam votos de felicidades ao seu povo honesto e trabalhador e aos poderes constituídos.

## Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



### Quando do cinquentenário de Piquete

Há setenta e cinco anos, quando do cinquentenário de emancipação de Piquete, em 15 de junho de 1941, encontrava-se à frente da administração municipal o prefeito José Monteiro de Brito Júnior. Jovem e idealista, Juca Brito foi o responsável por um dos melhores momentos da administração pública de Piquete. A Fábrica de Pólvora, parceira da administração, proporcionou melhorias no traçado urbano da cidade disponibilizando o desenhista Dogmar da Costa Ribeiro e outros funcionários para colaborarem no arruamento e desenho de praças e outros logradouros públicos. Várias edificações foram erguidas nesse período: o prédio da prefeitura, o Grupo Escolar Antônio João, as igrejas de São José e Metodista, as praças da Bandeira e Cel. Wiedman, em frente ao Antônio João, entre outras. Isso na área civil... Na área militar, as vilas operárias em construção davam outro ar à paisagem urbana.

Festejando os cinquenta anos do município, comemoraram-se, também, os cinquenta e três anos de criação da Paróquia de São Miguel – dois fatos de grande repercussão nos meios social e religioso de nossa terra. Os piquetenses tiveram, então, duplo motivo para se alegrar. Aliaram aos festejos civis os festejos religiosos, que fizeram, assim, multiplicar as alegrias da população.

Para essa data jubilar foi montada uma comissão de pessoas gradas da sociedade para a organização dos festejos. Dela faziam parte, principalmente, a Prefeitura local, a Fábrica de Pólvora e a Companhia Construtora Nacional, além de representantes das escolas e associações religiosas.

Toda a população foi convidada a participar dos eventos. Convites foram emitidos para piquetenses que moravam fora da ci-

dade. O bispo diocesano, Dom Francisco Borja do Amaral, foi convidado especial para as cerimônias. A paróquia organizou festiva quermesse, realizada próxima à Vila Duque de Caxias. O prefeito municipal, o major Vitor François, subdiretor administrativo da Fábrica de Piquete e Brás Pereira de Olivas, secretário da Prefeitura, se desdobraram em esforços e dedicação para o brilhantismo das festividades.

Para marcar a festividade, foi construído um belo jardim em frente à praça do Grupo Escolar Antônio João, para o qual contribuíram com bancos de mármore diversos comerciantes da cidade.

A Igreja Metodista também participou das solenidades organizando um programa religioso com o qual se associou aos piquetenses. Desse programa constavam discursos e conferências de oradores consagrados que vieram abrilhantar a data.

Para maior brilho das festividades, o bispo diocesano, que havia preparado uma visita pastoral entre os dias 20 e 24 de junho, por iniciativa própria estendeu-a por mais dias, iniciando-a no dia 14, véspera das solenidades, e finalizando-a no dia programado. No dia 14, à tarde, juntamente com um sacerdote salesiano e diversos clérigos, chegaram à cidade e a encontrou em festa. Foi recebido pelo pároco, padre Septímio Ramos Arantes, e autoridades civis e militares, além de associações religiosas e uma multidão de fiéis. Paramentou-se na casa de Custódio Vieira Bittencourt com as vestes pontificiais, tendo sido saudado por Brás Pereira de Olivas, que lhe deu as boas-vindas em nome das autoridades locais. Acompanhado por grande cortejo seguiu para a Matriz de São Miguel, onde foi aberta a visita e dada a bênção pontifical. Em seguida, nova bên-

ção, agora com o Santíssimo Sacramento. Às 20h desse mesmo dia, houve no salão nobre da Prefeitura sessão de homenagens com a presença de vários oficiais do Exército e diversos convidados. Falou em nome dos homenageados da noite o bispo diocesano.

No dia 15, domingo, Dom Francisco celebrou, às 10h, uma missa campal em ação de graças pelo jubileu do município e da paróquia. Estavam presentes as autoridades locais e grande massa popular. Crianças cantaram as partes litúrgicas da missa e o sermão gratulatório proferido pelo padre Miguel Laquis. Após as solenes cerimônias religiosas, houve a cívica, no mesmo lugar – em frente ao Grupo Escolar, quando falaram vários oradores, que demonstraram a grandeza da Igreja no desenvolvimento das povoações. Por ocasião do “Te Deum”, à tarde, o bispo falou sobre o padroeiro, São Miguel.

As comemorações do cinquentenário foram inesquecíveis, principalmente para os remanescentes do 15 de junho de 1891, quando da instalação do município: Geraldo Porfírio e sua esposa, Dona Eulália, Francisco Máximo Ferreira, Valentim Silva, Pedro Pinto de Miranda, Dona Rosa Paulino, Dona Laura Mendes Amorim, Vital José de Magalhães, José Sebastião Jr., João Domingos Cardoso, João Chispim, Benevenuto Bittencourt, Dona Mariana Relvas e Maria José Pereira Gonçalves. Esses cidadãos, por todos conhecidos e reverenciados pelos piquetenses, testemunhas oculares da história, receberam homenagens de respeito e admiração. Festa igual àquela, de grande simbologia para os piquetenses, só viria acontecer em 1991, quando do centenário do município.

## GENTE DA CIDADE

### Xeroso

Piquete tem em sua história diversos nomes que contribuíram para o seu crescimento e progresso. São pessoas que, nascidas ou não em nossa cidade, aqui viveram, formaram família e têm histórias de sucesso que dividem com o município.

Um desses nomes é, sem dúvidas, o de Agnaldo Almeida Mendes, carinhosamente conhecido por “Xeroso”, atualmente um dos empresários de maior sucesso e mais conceituado de Piquete.

O piquetense Agnaldo Almeida Mendes nasceu em no dia 25 de abril de 1962. É um dos quatro filhos do casal José Monteiro Mendes e Eunice Almeida Mendes.

Iniciou os estudos na escola Antônio João e deu continuidade na escola de 1º e 2º graus da FVP, atual Escola Leopoldo Marcondes de Moura Netto. Formou-se na escola Leonor Guimarães Rosa. A infância foi a de uma criança que gostava de brincar com os amigos. “Tínhamos muita tranquilidade para brincar... Ser moleque mesmo... É assim que fui criado: com a liberdade que toda criança deve ter”, afirma.

Pensando em seu futuro, formou-se Técnico em Contabilidade. “Eu sabia que precisaria me organizar financeiramente... Pra isso, pensei na Contabilidade, que me ajudou muito na vida...”, conta.

Xeroso começou a trabalhar aos 13 anos de idade como servente de pedreiro. Depois foi pedreiro. “A vida não era fácil para a família e sempre busquei ajudar em casa e também garantir minha independência...”. Aos quinze anos abria uma cantina na escola Leonor Guimarães. Foi aí o início de uma carreira vitoriosa como comerciante.

O cantina ficaria sob sua responsabilidade até os dezoito anos, quando, ingressou na Fábrica Presidente Vargas. “Uma grande empresa para a cidade, mas não era meu lugar... O comércio é que me atraía”.

Xeroso ficou por dois anos apenas na FVP. De lá sairia para abrir uma sorveteria “Tô à Toa”, que, em pouco tempo, se tornaria um dos pontos mais conhecidos na região... “Era um movimento muito grande... Jovens de todos os lugares frequentavam a sorveteria e depois a lanchonete”, conta, visivelmente feliz por recordar um período importante de sua vida.

Foram cerca de dez anos com o bar, que seria fechado para a abertura de um supermercado e de um restaurante, o “Xero Ver-



de”, mais uma mostra do empreendedorismo que marca a vida desse piquetense.

Logo em seguida, em 12/03/1994, Xeroso casou-se com Adriana Auxiliadora Chagas Almeida Mendes, com quem teve um casal de filhos. “Aí iniciou um período de ainda mais trabalho, de poupança e de planos”. Não tínhamos finais de semana eu e a Adriana... Foi a época em que consolidamos nossa família, nossa união...”.

Em paralelo às atividades de comerciante, Xeroso foi investindo em Piquete: construiu casas e adquiriu imóveis. “Sempre investi em Piquete; quero ver o progresso da cidade em que nasci”, afirma.

O “Supermercado Xeroso” e o “Xero Verde” cresceram... Hoje, excluindo-se a FVP/IMBEL e a Prefeitura Municipal, são as duas empresas que mais empregam no município, com mais de cinquenta funcionários”. Seus colaboradores o têm como um patrão participativo que comanda o dia a dia das empresas. É comum vê-lo no comando das caixas registradoras, atendendo a todos com a cordialidade necessária de um comerciante, mas com o carinho de quem vê como amigos a grande maioria de seus fregueses. A carreira, com lutas e vitórias, rendeu a Xeroso, neste 2016, o prêmio “Placa de Prata”, concedido pela Câmara Municipal pelos relevantes serviços prestados a Piquete.

Xeroso considera-se um homem realizado: “Tenho ao meu lado uma mulher que foi esposa e companheira de batalhas e meus dois filhos encaminhados na vida... Sou feliz!”, afirma, com brilho nos olhos... “Enfrentei muitos obstáculos e considero-me um vitorioso. Tenho certeza de que participei do crescimento de Piquete e quero continuar participando como um cidadão que colabora para o engrandecimento de sua terra natal e dela se orgulha”, completa, empolgado. Que sejam de mais sucessos os próximos desafios de Xeroso!

## Por uma Piquete melhor!

Laurentino Gonaçalves Dias Jr.

Toda comunidade nasce e vive em função de seus cidadãos. Do trabalho deles dependem o progresso, as vitórias e o sucesso do local. A história de nosso município é repleta de cidadãos que doaram seu trabalho em prol da cidade e garantiram muito do que Piquete se tornou. Não é diferente da história de muitas outras cidades, pequenas como a nossa. Também não é diferente do nosso país, que tem uma lista de personalidades sem as quais não seríamos a nação que somos.

E atualmente? Como estamos de pessoas, em Piquete, que se doam para o bem da cidade, que buscam o melhor para o município, relegando ao segundo plano o lado pessoal?

São muitos, não há dúvida. Há entidades como a Liga Piquetense de Combate ao Câncer, que congrega senhoras em prol dos que precisam de apoio no tratamento de enfermidades... Há os abnegados da Sociedade São Vicente de Paulo... Temos as atividades ligadas à Igreja Católica, como a Oficina Santa Rita, o trabalho exemplar do Centro Espírita Deus e Caridade... Enfim, são muitos...

Piquete, ao completar 125 anos de emancipação político-administrativa, conta com índices favoráveis em alguns setores e outros ainda carentes de melhoria. A responsabilidade maior é, certamente, da Prefeitura Municipal. Alguns desses índices, porém, sofrem influência das ações da comunidade: limpeza das ruas, poluição dos rios e córregos, manutenção dos patrimônios históricos...

Quem não gosta de uma cidade limpa? Pois não joguemos lixo nas ruas!

Quem não gosta de uma cidade organizada, com prédios novos e arrumados? Pois que sejam denunciados os pichadores e que eles mereçam sanções! Que demos destino correto aos nossos entulhos... Que cuidemos de praças e jardins próximos às nossas casas... São ações simples, mas que dependem do comportamento da população e têm impacto direto na vida da cidade.

Um cidadão consciente ama e respeita sua cidade... Um cidadão do bem torce para o progresso de sua cidade...

A administração municipal lançou, como já o fez nos dois últimos anos, um informativo em que lista parte de suas atividades e homenageia alguns cidadãos que “têm um histórico de ações em prol da comunidade piquetense”. Uma lembrança que merece destaque... Por uma Piquete melhor, é necessário que se multipliquem os cidadãos merecedores de homenagens!

Que nossa Piquete se transforme sempre, que se transforme para melhor! E que tenhamos cada vez mais orgulho de ser e de mostrar piquetenses exemplos.



## Memória da menina que gostava de colher moranguinhos silvestres

Disse Adélia Prado, nossa grande poeta mineira: “O fio indesmanchável da vida teceu seu curso”. A que acrescento, para a memória, com afeto:

Era uma vez uma menina que gostava de colher moranguinhos silvestres à beira dos caminhos, no alto da serra onde nasceu e viveu a infância. Jovem, a família lá da linha de fronteira entre Minas e São Paulo mudou-se. Desceu o antepiano da Mantiqueira e se instalou na cidade do pé da serra. Acompanhou o caminho dos vales e deixou a região frutífera onde se dedicavam os membros familiares ao cultivo dos marmelos e framboesas. As crianças cataavam o que ia ao chão, colocando-os em um saquinho para saboreá-los depois. Nos meses do tempo quaresmal, eram os pinhões que forravam o solo espatifado, frutos caídos das araucárias. Belos pinhões na sua cor natural que iam para as panelas cozinhar e gerar guloseimas apetitosas. Muita gente da cidade abaixo subia à busca, à cata tradicional através de gerações. Pinhões e paçoca de amendoim sempre foram iguarias no decorrer da quaresma e do tempo pascal.

Ainda lá nos altos serranos, a menina foi à escola. Aprendeu a ler e a escrever, a fazer continhas e a escutar as histórias das

professoras, além daquelas domésticas cheias de encanto, magia e virtuosidades. Aprendeu bem as lendas. Cultivou os mitos e os rituais. Foi ensinada a trabalhar, filha mais nova de muitos irmãos. Perdi a conta do número que me foi dado. Todos tornados hábeis, produtivos.

Ela, os irmãos e a criançada das vizinhanças respiravam o ar puro. Aprendiam a trabalhar na terra e em casa.

Moradores de áreas rurais, aprendiam de tudo, como método de subsistência.

Aprendiam a reconhecer a natureza e com ela trocar ações. Sabiam plantar, colher, cozinhar, armazenar, comercializar, muitas vezes em trocas de produções.

As meninas eram educadas para o lar, se casar, ter filhos, educá-los e criá-los dentro dos princípios religiosos.

As festas comunitárias eram um saudável e apreciado ponto de encontro.

A menina a que me refiro tornou-se uma artesã aprimorada. Sabia se aproveitar dos materiais disponíveis e torná-los peças admiráveis.

Até do lixão urbano, quando já na cidade, adulta e casada, aproveitava para remover velhos e estropiados brinquedos. Bonecas recebiam novos vestidos, sapatinhos, cabelos e adereços.

Recuperava louças e as tornava como novas. Chegou a ter um ateliê preparado para guardar as peças artesanais – o chamado quarto das bonecas.

Brinquedos reformados e roupas eram lavados, limpos, higienizados, levados por ela e o marido lá para o local de origem, onde outras crianças os recebiam como presentes. Sempre aguardados, lá chegavam nos finais dos anos.

Viveu tranquila uma bela vida familiar. Não teve filhos, mas criou vários sobrinhos. A casa sempre aberta para os familiares e amigos. Acolhedora.

Os quitutes, as peças artesanais, frutas e flores.

Trabalhou e viveu muito.

Feliz no matrimônio, foi um exemplo de mulher na tradicional vida doméstica.

Cultivando flores, um orquidário, e aves com as quais se comunicava em longas conversas diárias, encantava quem com ela convivía.

Agora, está em paz entre os anjos.

Deixou-nos saudosos e reverenciados.

Está presente em nosso coração e memória.

O nome dela era Hilda.

*Dóli de Castro Ferreira*

## O Mandamento maior

Ame o Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua mente. Esse é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ama seu próximo como a ti mesmo.

Assim nos ensinou Jesus, o nazareno. Quando ouvimos muito um ensinamento, há o risco de nos acostarmos com as palavras e deixar de ouvir, de ser afetados por seu conteúdo. Esse ensinamento encontrado no Evangelho de Mateus, no capítulo 22, versos de 37 a 39, tem sido fartamente lido, pregado, transmitido, ao longo dos séculos, sobretudo em nossas igrejas, pelos cristãos. Vemos, porém, individualismo, indiferença, intolerância, violência de todas as montas, miséria e riqueza excessivas, acúmulo e falta de partilha, saciedade e fome convivem nas sociedades. Ouvimos as palavras, mas não temos sido afetados pelo mandamento do amor transmitido por Jesus.

Amar o próximo como a si mesmo é mais que a atitude moral e virtuosa de fazer para o outro o que queremos primeiro para nós mesmos. Já seria um avanço conquistarmos essa elevação moral, mas ainda estaríamos no centro, seríamos o objeto primeiro de nosso próprio amor, a referência para o amor que dedicamos aos outros. O que Jesus nos transmite é algo ainda mais profundo, ele nos quer fazer experimentar que somos parte de uma mesma humanidade, de uma mesma existência, de uma mesma vida. A vida de outro ser humano é parte constitutiva de minha própria vida.

Existimos como humanidade, somos em coletividade. Somos cristãos, budistas,

muçulmanos, dançamos os pontos do candomblé. Somos gays, lésbicas, simpatizantes, heterossexuais. Temos família bem constituída, não sabemos quem é o nosso pai. Somos índios, brancos, negros, mestiços, temos olhos puxados de orientais. Vivemos nas montanhas, em distantes grotas, em grandes centros urbanos, em bairros periféricos, em condomínios luxuosos, em florestas soberbas, em pequenos vilarejos escondidos nos sertões. Temos comida de sobra, passamos fome, nos suicidamos. Temos boa saúde, estamos em estado terminal, lutando para viver. Amamos, odiamos. Somos generosos, praticamos atrocidades. Pagamos duras penas em presídios desumanos, de onde talvez não saíamos vivos. Cantamos mantras e cantos gregorianos em harmoniosos mosteiros, cercados por vida e beleza. Somos maldosos, somos bons e santos.

Em cada ser humano está uma parcela da mesma vida, da mesma humanidade. Somos parcelas, não totalidade. Amar a vida do próximo como parte de minha vida, a humanidade do próximo como parte de minha própria humanidade, ser capaz de me reconhecer no outro e reconhecer o outro em mim... Isso é vivenciar o mandamento do amor. Não existem realidades humanas que não nos digam respeito, que não sejam objeto de nossa compaixão, que não nos causem alegria ou tristeza, que não nos interpelem. Isso é amar o próximo como amamos a nós mesmos, reconhecer o outro como parte de nós, não como um ser estranho, fora de nossa humanidade.

Quando ainda havia meses que tinha me

ordenado padre, um homem ainda jovem veio me pedir que rezasse por ele. Sentei-me por um instante ao seu lado e permaneci em silêncio esperando que se acalmasse e que pudesse falar. Estava em pranto. Depois de alguns instantes conseguiu dizer o motivo de sua tristeza. Sua esposa havia falecido antes de completarem um ano de casamento. Ela engravidou, tinha saúde frágil, fora avisada pelos médicos, decidiu, porém, gestar até o fim. Teria dito antes de falecer que sorriria e viveria em sua menina. O parto lhe tirou a vida. Ela, porém, compreendia que a vida de sua filha era também sua vida. Sentia que se decidisse interromper a gestação, a morte de sua menina seria também sua morte. Preferiu morrer e sorrir em sua menina. Disse a ele que deveríamos pedir a Deus que nos ensinasse a amar como sua esposa havia amado. Rezamos juntos em silêncio por alguns minutos e então o abençoei. Nunca me esqueci disso. Quando o mandamento do amor nos afeta em profundidade, penetra nossa compreensão e fecunda nossos sentimentos. Podemos ser capazes, até mesmo, de nos importar mais com a vida dos outros de que com a nossa própria vida, de nos doar pelos outros e sacrificar a própria vida, como fez aquela mãe, como fez Jesus em seu viver e em sua entrega na cruz.

Vivemos tempos de intolerância, violência, indiferença, desintegração social. Precisamos voltar a nos reconhecer como irmãos, como filhos do mesmo Pai, como partes da mesma vida.

*Pe. Fabrício Beckmann*

## Piquete

### Ruas antigas. Tempos diferentes.

Gosto de andar a pé  
Pelas ruas do nosso Piquete,  
Ouvir os cantos dos ventos,  
O chilreado da passarada,  
As vozes das gentes e gritos da meninada.  
Lembrar, lembrar, lembrar...

Saio de casa pela Major Carlos Ribeiro,  
Em direção à Américo Brasiliense,  
Figuras históricas de nossa emancipação  
Política, Que tem, ao lado, a pracinha,  
Chamada 9 de julho, homenagem  
À data magna paulista  
Da Revolução Constitucionalista (1932).  
Chego à rua São Miguel,  
Lembrando o lugar do Cartório de  
/ Registro Civil; um pouco  
Antes, e da família Arantes.  
Faz-se uma curva, onde, lá no canto,  
Estão entroncadas as duas ruas citadas.  
Era onde morava a amiga  
Neycir Pfeil, filha de Lourdes,  
Neta de Dona Mariana Relvas.  
Onde, depois, morou Prometheu  
/ da Silveira

Com Yayá. Ele, arquiteto da nova Matriz,  
Da qual acompanhou a construção,  
O tetraedro de Miguel Arcanjo,  
Nosso arcanjo protetor.  
Ali, onde morava e finou seus dias,  
Se interceptavam o velho caminho  
Da Matriz antiga, e depois a rua da  
Matriz nova. A tradicional dos galinhos  
Sinalizadores dos ventos, e a moderna,  
A dos vitrais angelicais.  
A antiga, testemunha documental da  
Instalação da Freguesia do Piquete  
/ (1875).

Que depois foi emancipada como  
/ Vila Vieira

Do Piquete (15 de junho de 1891).  
Cidade ou sede de município  
Hoje, mais do que centenária.  
Cidade, em seguida denominada  
/ de forma simplificada Piquete.

Prossigamos pela rua São Miguel.  
Do lado direito, um pouco mais abaixo  
Do nível do arruamento, a casa de  
Dindinha Laura, ou Dona Laurinha,  
Para quem, eu levava doces  
Mandados por minha mãe,  
Sua afilhada.

Do lado oposto, a família Luz,  
Do João, do Juca e da querida  
Dona Julietinha, que, da janela,  
Me acenava, e perguntava de toda  
/ a gente

De casa, pais, avô, tia Mariquinha,

Adelina, tios e primos.  
Seguindo. À esquerda, o Largo da Cadeia  
/ e da Prefeitura Municipal, e  
Mais, o Grupo Escolar Antônio João.  
Edifícios do alto da colina,  
Lugares da obediência às leis e  
/ aos costumes.

À frente, descido o morro, o “Buraco”  
Do Barão, o salão da banda,  
/ prédio marcante.  
Para cima, à direita, a antiga casa de  
Azer Arantes, amigo de  
/ meu avô Chiquinho.

Para lá, eu menina levava e trazia recados,  
Recomendações, notícias familiares.  
Subindo mais, à esquerda, a casa de  
Seu Manoel Vilar, ancestral de família  
Antiga, que tinha próxima a casa de  
Alcides Vilar, seu filho, e da  
/ professora Melita e,  
Os filhos. Ela, da família (filha) do  
/ Capitão José de Brito,  
Que, com o Coronel Luiz Relvas,  
/ disputava

A política contra o Coronel José Mariano.  
Dos Ribeiros da Silva. Este, dissidente  
/ do mesmo Partido Conservador.  
Em querelas eleitorais.

No bar e armazém de seu Manoel Vilar,  
Nós, a criançada saída do Grupo Escolar,  
Admirávamos as frutas e guloseimas.  
“Põe na conta!” gritava Vonir, maçã na mão.  
Imitei e fui chamada à atenção  
Por meu pai, à falta de sua autorização.  
Nunca mais. Aprendi.

Lembrei-me de Dona Eudóxia,  
/ marido Leopoldo e

Filhos, dos quais, Alba era minha colega  
Da Escola Normal, ou do Ginásio.  
E mais gente, muita gente que se sucedeu  
Nesse caminho de São Miguel  
Prolongado por outras ruas, em direção  
À Mantiqueira pelos vales dela emanados.  
Formadores do Ribeirão Piquete,  
Eixo do plano urbano da cidade.

Agora, sob a luz crepuscular  
Do outono cheio de sombras,  
As esquadrilhas de garças,  
Em busca de seus ninhais,  
Me dizem – Piquete é bela! Concordo!  
Das casas bem conservadas da atual  
Rua São Miguel surge um passado  
Remoto, mas não nostálgico.

A garça, solitária, atrasada do bando,  
Cultivava sonhos? Seguiu asas amplas.  
Ah! Minha rua São Miguel  
Antigo caminho de tropas e boiadas!

Dóli de Castro Ferreira, 2016



## Piquete / 125

Dóli de Castro Ferreira

Aureolada de safiras azuis  
Incrustadas na Mantiqueira,  
Entre o Marins, o Cão e o Cabrito,  
Essas montanhas antigas,  
Se mostra nossa Piquete. Em  
Novo aniversário de vida.

Safiras duras  
De um tempo milenar,  
Feitas de fogo e do gelo.  
Pedras ígneas  
Do centro da Terra erguidas,  
Blocos resistentes  
À ação erosiva,  
Desenham nas águas de encosta,  
Quais Medusas enlouquecidas,  
Riachinhos e ribeirões,  
Fios de água e musgos,  
E mais, árvores e arbustos,  
Madeiras de lei e rijas.  
Bromélias, orquídeas e mais  
Ramificações floridas:  
Ipês, quaresmeiras, sibipirunas,  
E mais outras, floridas.  
De cores a mata tingida e  
Mais, os guinchos, os pios e os cantos  
De poemas escondidos.

## O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

### Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

### Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

### Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

### Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

## Eu guerreiro

Gostaria de ser um cavaleiro medieval. De armadura e uma espada reluzente em minha mão direita. No braço esquerdo um escudo de aço todo ornado de uma mistura de dragão, cavalo e unicórnio. Pela viseira de meu elmo que brilha ao sol eu olho esse mundo. Olhos indignados e tristes. Pé direito à frente. O esquerdo em apoio se faz plantado ao chão. Então, faço a espada girar qual São Miguel, o arcanjo de Deus. Nos ouvidos meio tapados pelo elmo, ouço o som do voo da lâmina a rasgar o ar. Som da asa de um colibri da justiça. Os demônios desse mundo vindo um a um em minha direção. Meu subconsciente percebe a voz da rainha de Alice: ‘cortem-lhe as cabeças’. Então, vejo ali ao chão a cabeça decepada a jorrar o sangue negro. O coração ainda odiado a bombear o sangue que lhe resta. Mas não existe descanso para nenhum guerreiro. Eis que surgem outro e outro. Num giro de calcanhar, um golpe fatal. Outra cabeça rola solta pelo campo de batalha.

O calor sufocante do esforço e da luta enche o peso da couraça. A cota de malha

de aço tintila. O cheiro acre do sangue enche o ar. Um rodopio e lá se vai mais uma cabeça de outra besta. Bem no meio daquele cerrado quente e sufocante os golpes se ouvem ao longe. O pó se levanta em torno de meu corpo, como se fora um tornado a girar seus ventos. A cidade em forma de cruz que está ao meu lado silencia ao som de tantos golpes. Os lagos que a permeiam aos poucos recebem um filete de sangue. Ao longe pode-se ver os dois candangos segurando suas varas. Observam-me imóveis. Num relance, por entre o pó, me parecem sorrir. O tinho que defende o estupro vem com sua bocarra de rebordo solto. Balbucia palavras disformes. A espada anavalhada lhe crava o coração. Suas garras estendidas buscam meu braço e o seguram. Mas a luva de ferro é escorregadia. Uma leve torção da lâmina e tudo se consuma. E seguem um a um: o traidor, o dissimulado, o ladrão dos pobres, o saqueador. Cada um dos demônios vai tombando. Os abutres rodopiam os céus que já nem se vê. Minha mente faz-me lembrar das palavras do salmista:

‘mil cairão a tua direita, dois mil a tua esquerda. Tu, porém, não serás atingido’. A luta se prolonga deixando meu escudo cravejado de setas envenenadas. Os demônios que esperam têm ódio, mas se afastam. Até que em um momento os demais demônios, assustados, debandam ao inferno. Eu, cansado, apoiado sobre a pesada espada cruzada, vejo a poeira baixar arrastada. O sol aparece devagar atrás da nuvem amarela de pó. Os pássaros que se resguardaram nos arbustos começam a trinar lentamente. Logo se distingue o som do vento que leva a poeira pra longe. A lama vermelha que se faz ao chão começa a secar com o sol ardente. A carniça saciará os abutres. Os ossos e o sangue seco nutrirão a terra. O céu volta a se tornar azul. No horizonte distante, entre os prédios, ouve-se o bur-burinho das pessoas. Tiro meu elmo, minha balaclava suada. Solto minha armadura e minha cota de malha. A espada cai de minhas mãos. Atiro o escudo ao longe. Cansado e quase sem fôlego. A batalha acabou. Por enquanto.

**Luiz Flávio Rodrigues**

## Raio-X piquetense

É preciso reconhecer que todo piquetense, em maior ou menor grau, carrega consigo certo “complexo de vira-lata”. Com o passar dos anos, a tese de que nosso município já não seria sequer sombra de seu passado tornou-se consenso. O peso da nostalgia e a marca da descrença quanto ao futuro fizeram-se presentes até nos discursos dos munícipes mais apaixonados. No entanto, em que pese nosso estado de espírito, em que patamar está, de fato, nossa cidade? O que os principais indicadores sobre desenvolvimento humano dizem sobre nós? Seguem, a partir dos dados produzidos pelo Censo 2010, algumas observações.

Levando em conta o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), dentre as 5.565 cidades brasileiras, Piquete ocupa a posição 434°. Apesar da ideia recorrente de que retrocedemos em relação ao passado, nosso índice diz o oposto: passamos de 0,563, em 1991, para 0,757, em 2010. Um aumento considerável que, em termos comparativos, equivale a alguém que muda, nos dias atuais, de Bangladesh para o México. Dado que o IDH se vale de índices de expectativa de vida, educação e PIB *per capita*, pode-se afirmar que nós, pique-

tenses, estamos vivendo mais, somos mais escolarizados e possuímos, em média, rendas maiores do que em 1991.

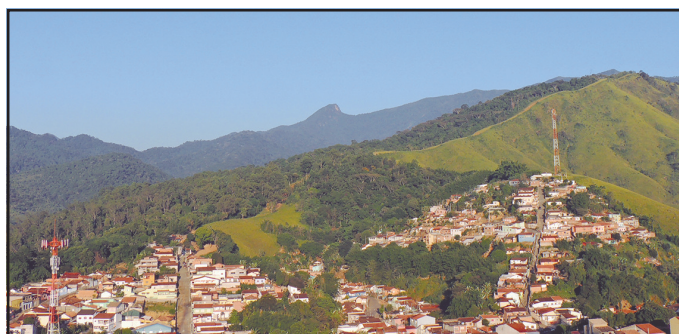
No âmbito educacional, somos excepcionais nos indicadores referentes à educação de crianças e adolescentes: 99% da população entre cinco e seis anos frequentam a escola e 97% dos que possuem entre 11 e 13 anos estão completando ou já completaram o ensino fundamental – números esses superiores, inclusive, aos da cidade mais desenvolvida do país, São Caetano do Sul (SP), que possui 96% e 91%, respectivamente. Nossos índices começam a cair, no entanto, quando falamos da educação para jovens e adultos: apenas 55% da população entre 18 e 20 anos possuem o ensino médio completo e somente 61% dos adultos com dezoito anos ou mais possuem ensino fundamental completo. Enquanto isso, Águas de São Pedro (SP), pequeno município detentor do segundo maior IDH do país, possui, respectivamente, taxas de 74% e 75%.

No plano dos indicadores referentes à saúde, temos a expectativa de vida de 74 anos. Número próximo à média brasileira, que era de 43 anos em 2010, mas inferior a centenas de outros pequenos municípios como

Joaçaba (SC), que tem expectativa de 78 anos. Se levarmos em conta, ainda, que a estressante São Paulo (SP), repleta de problemas que atacam diretamente as saúdes física e mental, possuía expectativa de 76 anos em 2010, deduzimos que nosso município pode, mesmo com poucos recursos, valer-se de suas virtudes para avançar na longevidade de seus cidadãos.

Fechando esse breve raio-x, temos os indicadores econômicos. E é justamente aqui que as coisas se tornam preocupantes. Nossa renda *per capita* é de apenas R\$ 665, valor inferior aos de inúmeros outros pequenos municípios, como os catarinenses Rio Fortuna (SC) e Treze Tilias (SC), com índices de, respectivamente, R\$ 1570 e R\$ 1471. Num ano eleitoral, é elementar que a discussão de um projeto de desenvolvimento para o município entre na agenda dos candidatos. Piquete possui potencialidades que precisam ser discutidas. Ter em mente, no entanto, nossas debilidades e virtudes é passo fundamental para encontrarmos nossos possíveis remédios.

**Rafael Domingues de Lima**



Fotos: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

## Brasil das Águas

Se nos detivermos no estudo do subsolo brasileiro, vamos ter de registrar a presença de grande número de aquíferos e de províncias minerais.

O rio Amazonas, que nasce fora do país, pode ser afetado por degelo, mas seus portentosos afluentes no território nacional garantem o poder descomunal de seu volume de água.

Os aquíferos brasileiros são renováveis. Isto significa que cada um deles tem suas zona de recarga por onde entra a água da chuva.

O afloramento pode ser múltiplo; ou único. Pode ser inexpressivo, uma pequena mina. Ou pode romper o solo com muita força, como acontece no Jalapão (TO), no qual os turistas tentam mergulhar, mas o jato de água os expulsa imediatamente.

Os minerais ficam bem escondidos, a não ser em casos como Carajás em que o ferro pôs a cara para fora.

Até aqui, tudo simples. O problema é combinar o subsolo com o solo para que a natureza não seja prejudicada.

Os rios dependem dos aquíferos. Os aquíferos precisam da água da chuva.

Se as zonas de recarga não estão protegidas, a poluição pode comprometer o aquífero.

Um rio limpo pode ter suas águas prejudicadas pelo esgoto das cidades ou por resíduos da mineração ou da agropecuária.

A devastação das florestas afeta o regime de chuvas. E a destruição das matas ciliares leva ao assoreamento do leito do rio. Assoreado, o rio despeja suas águas causando enorme prejuízo.

Na escola, comparamos o Pantanal Mato-grossense com o “Chaco” dos países vizinhos.

A enchente do Pantanal ocorre anualmente; no Chaco, geralmente de quatro (4) em quatro anos.

A gente paulista nutre uma simpatia particular pela região pantaneira seja pela pesca no rio Miranda, seja pelas espontâneas narrativas da música sertaneja – chega a época de chuva, a comitiva sai em busca de bons pastos; a enchente acaba, a comitiva volta. Se o terreno não seca, não há possibilidade de retorno.

O Programa Globo Rural apresentou recentemente um trabalho muito oportuno sobre o rio Taquari.

Quando lecionei em Mato Grosso, estado onde nasce o rio, parei várias vezes no local em que o Taquari recebe seu afluente Coxim, rio que dá nome ao município, já em Mato Grosso do Sul.

Dá o Taquari segue em direção ao Pantanal.

Por se encontrar em plano superior, estourando as margens, o Taquari está invadindo fazendas, inviabilizando a pecuária.

Os mais jovens abandonam as propriedades. Velhos teimam em permanecer com algumas cabeças de gado.

Conhecemos a mata de igapó da Amazônia. Ela resiste à inundações. Aqui a vegetação não resiste, apodrece. Não há pasto para o gado.

Faz-se necessária uma providência urgente do Poder Público, porque uma estação chuvosa muito longa pode arrancar o rio de seu leito e causar sérios danos ao ambiente.

A mineração também inspira cuidados. A extração de caulim gera pobreza e morte. O garimpo de ouro assoreia os rios e envenena a água com mercúrio.

Nossa Meteorologia é competente. A pesquisa agropecuária está no rumo certo.

A Engenharia Civil no que respeita a barragens, eclusas e elevatórias dá conta do recado. Só que constrói onde o governo quer.

Sabe o apelido do rio Tocantins? Rio Afogado.

Chegou a hora e a vez da Geologia e da Hidrologia.

O sul do Maranhão é um aguaceiro. O rio Parnaíba, o do delta famoso; o Jaguaribe, o Apodi, o Paraíba, o Beberibe, o Capiberibe não caem do céu – nascem em algum lugar.

Quando se discute o semiárido, é o cristalino que não sai bem na foto.

Você sabe o que é o cristalino?

Em São Paulo, o mar avançou, cobriu parte da Mata Atlântica e formou ilhas. Como se comportou o mar no Nordeste?

Por enquanto o Brasil é o País das Águas.

Mas, não se esqueça de que já foi País do Futebol.

Agora é o país do Vôlei e do Surf.

Parabéns às moças e rapazes que sacam e cortam!

Parabéns aos meninos da elite caíçara!

**Abigayl Lea da Silva**

## A escola é uma escada para subir na vida

*Laura Chaves*

Recentemente, nas minhas andanças por aí, palestrando aos professores, aconteceu algo bem interessante, digno de relato. A pedido da rede de ensino que me contratou, minha fala tratava da implantação de um sistema de avaliação, o qual compreende a avaliação feita pelos professores e a avaliação externa, com vistas a apurar o resultado da aprendizagem e direcionar o trabalho escolar. Um modelo que há tempos foi adotado por países que avançaram na educação e que vem, de mansinho, sendo implantando no Brasil. É, sem dúvida, um trabalho técnico, altamente qualificado e que requer preparo dos professores e da escola como um todo.

Avaliação nesta perspectiva, assim como um projeto educacional voltado para resultados alcançados por meio de metas claramente estabelecidas, de antemão soa aos ouvidos dos professores como um redenção ao capitalismo, e, na ocasião a que me refiro, um professor reagiu de pronto: - *Já vi tudo, nossa rede de ensino está rendendo-se ao capitalismo. Deixaremos de ser uma escola, passaremos a ser uma empresa.*

Essa reação não é única, ela está disseminada em muitas escolas e se revela em chavões normalmente usados como luta pelo poder, divisão de classes, eles e nós, educação elitizada, opressor... e por aí vai. Qualquer proposta que difere do discurso da escola para todos, escola para formar cidadãos, escola para a transformação social... esbarra na resistência. Quem perde? A escola, a educação e especialmente os menos privilegiados socialmente. Um paradoxo que não se deveria admitir.

O fato de adotar ações de uma empresa. Sim, trabalhar com metas e resultados é imperativo às empresas, não deve ser encarado, a princípio, como algo negativo. Ao contrário, a escola tem a muito a aprender com o mundo corporativo inserido numa sociedade altamente complexa, a qual a escola limita-se a intitular sociedade de classes.

De maneira geral, a escola é vista como uma escada para subir na vida. Isso porque todos almejam uma vida confortável, um bom emprego e um bom salário e, sem medo de errar, eu diria que o sucesso escolar é a oportunidade efetiva para compensar as desigualdades sociais, umas das principais críticas ao capitalismo. Para tanto, tem que trabalhar duro, avaliar de verdade e estabelecer metas claras, exatamente como fazem as empresas de sucesso.



**A Fundação Cristiano Rosa e O ESTAFETA  
parabenizam os poderes constituídos e a população  
piquetense pela passagem dos 125 anos de  
Emancipação Político-Administrativa de Piquete.  
Salve 15 de Junho de 2016!**

## Oratório Domingos Sávio em festa

O Oratório Domingos Sávio irá comemorar 50 anos em nossa cidade em 17 de junho de 2017. Para iniciar as celebrações, haverá missa festiva no dia 17/06/2016. A agenda e a programação estão sendo preparadas, mas estão previstos o lançamento de um site e banners comemorativos a serem distribuídos pela cidade. Desde já, a

organização solicita fotos do Oratório, com a finalidade de reunir um acervo.

O Oratório São Domingos Sávio foi instalado em Piquete por meio do Padre Mário Bonatti, em 17 de junho de 1967. Atendia ao pedido dos salesianos cooperadores da cidade e tinha como objetivo proporcionar aos meninos da Vila Barão educação religiosa e

lazer sadio, já que, para as meninas, havia, à época, o Orfanato Madre Maria Mazzarello. Hoje o Oratório Domingos Sávio é referência na cidade na formação de crianças e jovens, abrigando a Obra Social São Domingos Sávio que desde o ano 2000 atende a população carente que vive em situação de risco ou exclusão.

## O fotógrafo, a memória e a cidade

Neste mês de junho, quando comemoramos mais um aniversário de Piquete, homenageamos um cidadão que dedicou grande parte de sua vida a registrar, por meio da fotografia, diferentes momentos da história do município.

Dogmar Brasilino documentou de maneira ininterrupta o cotidiano da cidade desde 1945. Foram quase setenta anos de trabalho que resultaram em um patrimônio imensurável de imagens que testemunham o crescimento e o desenvolvimento de Piquete.

Muito mais do que um bom fotógrafo, Dogmar era um artista. Habilidade e sensível, captou momentos únicos de nossa sociedade, eternizados em imagens que somente um olhar apurado como o seu seria capaz de registrar.

Em seu ofício enveredou por uma gama variada de temas – fotografou diferentes ângulos da paisagem serrana o cotidiano da cidade, passando por retratos posados formais e episódios alegres e tristes que comoveram a população. Foi presença marcante na vida dos piquetenses. Captou por meio das lentes de sua câmera as belezas da Mantiqueira e da cidadezinha serrana. Eternizou momentos únicos na vida de muitos, como batizados, primeiras comunhões,

formaturas e casamentos. Personalidades políticas, religiosas e militares foram por ele clicadas, além de cidadãos anônimos que

e do município, em 1991.

São milhares os negativos por ele guardados com carinho ao longo dos anos. Sabia identificá-los, bem como as pessoas e os fatos neles registrados, quando colocados a contraluz. Estão lá comícios políticos, procissões, casamentos, desfiles cívico-militares, bailes... Nada escapava de seu olhar...

Para os apaixonados por Piquete e por tudo o que lhe diz respeito, é sempre um prazer poder viajar através das fotografias de Dogmar Brasilino. O acervo deixado por ele dá-nos uma série de informações sobre nossa cidade e nossa gente.

Neste 125º aniversário de emancipação do município, são mais do que merecidas as homenagens que prestamos a Dogmar Brasilino, verdadeiro repórter fotográfico da Cidade Paisagem.

Por meio de seu trabalho conseguimos recriar o nosso passado, reviver o cotidiano de nossa sociedade, reencontrar pessoas que nos foram tão caras, hoje esmaecidas na memória e revividas quando folheamos álbuns de fotografias.

Parabéns, Piquete, por mais um aniversário!

Parabéns, Dogmar Brasilino, por seu trabalho e amor pela Cidade Paisagem!



dele receberam o mesmo tratamento profissional. Todos, indiscutivelmente, tornaram-se personagens de nossa história. Ajudaram a construir a cidade.

Entre seus trabalhos memoráveis, devemos a Dogmar Brasilino o registro da visita do Presidente Dutra a Piquete, em 1948, e, nesse mesmo dia, 28 de agosto, a inauguração do Hospital da FPV. Ainda uma imagem inesquecível: a do time estrelino, campeão do interior de São Paulo. Fotografou, também, a inauguração do Elefante Branco e da Praça Duque de Caxias, em 1952; os centenários da Paróquia de São Miguel, em 1988,

